

Jornalismo em profundidade

Andrea de Arruda Botelho

O homem é um ser em trânsito: do nascimento à morte, descreve um percurso ao longo do qual empreende diversas viagens. Em suas investidas para conhecer o mundo, precisa de mapas. No texto de abertura de *Casa de taipa: o bairro paulistano da Mooca em livro-reportagem*, Dimas A. Künsch, organizador da obra, dá a dica:

(...) as histórias, enfim, são mapas, produção simbólica, jamais o próprio território. Mapas que, quando produzidos com engenho e arte, conduzem o viajante ao território do real, sem porém repeti-lo. Mapas que, não repetindo o real e a vida, também não destroem o mistério que o mundo encerra (p. 8).

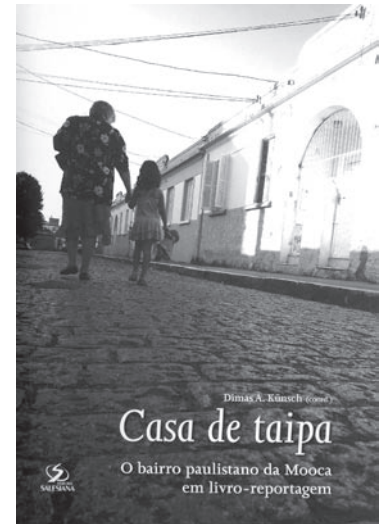
O livro apresenta um panorama das origens históricas da Mooca – o bairro completou 450 anos em 2006 – e recortes antigos e atuais de seu desenvolvimento em áreas como cultura, transportes, gastronomia, educação, economia, esportes e religiosidade. A tônica geral das matérias encontra inspiração no jornalismo literário. Defensores dessa proposta, reuniram-se o organizador e os autores das matérias, alguns dos quais já haviam estado juntos em outros projetos: Bernardete Toneto, Christian Botelho Borges, Denise Casatti, Jaqueline Lemos, Moníca Martínez e Renata Carraro – quase todos jornalistas e professores universitários. Há também na obra crônicas de Magalhães Júnior, escritor mooquense.

As narrativas de *Casa de taipa* compõem um mapa que, além de situar, também transporta o leitor às cores, aromas e sabores do bairro, com suas ruas e casas – das de taipa às de hoje – cujas paredes exalam memórias que grande parte dos moradores se orgulha em preservar. Lendo as matérias, entrevemos jesuítas construindo as primeiras edificações quatro séculos e meio atrás, ante os olhos admirados dos índios Guaianã, a exclaimar

Casa de Taipa: o bairro paulistano da Mooca em livro-reportagem

Dimas A. Künsch
(coord.)

São Paulo: Salesiana, 2006,
264 p.



“Moo oca”, “faz casa”. Imaginamos imigrantes chegando nos trens da São Paulo Railway para seguir rumo ao interior e trabalhar nas lavouras de café, ou para ficar na capital e trabalhar como operários, muitos deles nas fábricas que se instalaram por ali durante um tempo. Assistimos a greves, lamentamos bombas. Acompanhamos as mudanças econômicas que levaram as fábricas e trouxeram prédios de apartamentos e um *shopping*. Salivamos com acepipes, iguarias, pizzas e massas de restaurantes cujos donos cultivam receitas e clientes satisfeitos. Passeamos com moradores que contam “causos” e apontam muros, paredes e esquinas de seu passado e presente. Ouvimos a voz de professores e alunos a ensinar, aprender, ralar, “aprontar”... Cruzamos os dedos para que ferva o sangue de San Genaro, trazendo bons auspícios e ainda mais alegria na festa de rua que mobiliza inúmeros moradores e atrai visitantes de longe. E torcemos também, mesmo que sejamos torcedores bissextos de Copa do Mundo, para que a bola continue correndo solta nos pés dos craques do Juventus, do Moocafogo e outros times.

O trabalho jornalístico que resultou nesse

livro-reportagem se diferencia daquele realizado, quase sempre no sufoco dos fechamentos urgentes, nos veículos diários e até semanais, em que a maior parte da “apuração” se faz por telefone ou internet. Os repórteres, aqui, além de pesquisar, também foram às ruas. Não para fazer perguntas pré-fabricadas a seus moradores: deram-se o tempo para prostrar-se com eles, tomar um cafezinho, fazer um passeio em sua companhia, às vezes até sentar-se junto a uma roda de amigas e ouvi-las falar, enquanto a novela passava na televisão. Esses autores – contadores de histórias, na melhor acepção do termo – mergulharam no universo de um dos mais tradicionais bairros paulistanos, respiraram seu ar, comeram sua comida, freqüentaram seu dia-a-dia. Com isso, tornaram-se partícipes de uma história em construção, em vez de meros anotadores de episódios comentados.

Imersão favorece profundidade e também um contato afetivo com lugares e personagens visitados. Mauro Santayana, no texto “Momentos guardados na alma”, do livro *Repórteres*, organizado por Audálio Dantas (São Paulo: Senac, 1998), diz:

Nunca, desde os primeiros passos em jornal, acreditei na famosa “imparcialidade” que se pede ao jornalista. A “imparcialidade” que a boa-fé reclama, quando existe (e em alguns casos existe), corresponde a uma castração da personalidade do redator. (...) O jornalista pode ser rigoroso na descrição dos fatos, mas será muito difícil evitar a simpatia por uma ou outra pessoa envolvida, por uma ou outra idéia em jogo.

Assim, a maior parte dos autores de *Casa de taipa* sequer conhecia o bairro, mas saiu da experiência tendo criado um vínculo afetivo com ele – às vezes até uma

paixão, como sugerem alguns. No entanto, a paixão não chegou a cegá-los. Diz o ditado que o amor é cego, mas o tempo é um ótimo oftalmologista. Eu diria que, além do tempo, para os repórteres, também o espírito investigador e a busca contínua de acurácia são ingredientes que lhes permitem apaixonar-se e continuar senhores de suas faculdades perceptivas.

Narrar é perpetuar o humano, editar e reeditar seu percurso ao longo da vida. A narrativa “é o tempo do eterno”, afirma Gilberto Safra, em *Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio* (São Paulo: Edições Sobornost, 2006). O autor continua: “Por essa razão encontramos no narrar uma experiência que resiste ao esquecimento. Ele constitui, desse modo, a memória do que é significativo: a verdade da condição humana”.

Casa de taipa é indicado para o público em geral, mas muito especialmente para estudantes de jornalismo que buscam alternativas ao “jornalismo fast food”. A obra cativa tanto os “leigos de Mooca” como seus íntimos: aos primeiros, introduz um mundo novo, cheio de particularidades e universalidades riquíssimas; aos últimos, reconta histórias, reaviva memórias e – por que não? – sugere novos passeios. Um mapa que revela mais que dados concretos de uma geografia, ao entreabrir frestas que permitem vislumbrar algo da vida que pulsou e que pulsa por trás de cada janela.

Andrea de Arruda Botelho é doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e mestre em Psicologia também pela USP. Ministra, de forma autônoma, a Oficina de Escrita Criativa e Auto-desenvolvimento Viagem de Letras, com foco em suas pesquisas de mestrado e doutorado.